

Mais críticas de Brossard à atuação da Igreja

O ministro da Justiça, Paulo Brossard, voltou a condenar severamente, ontem, em Porto Alegre, a atuação de "determinados religiosos" nas atuais campanhas eleitorais para a Assembléia Nacional Constituinte e os governos estaduais, ressaltando que "no seio da Igreja há várias tendências, e algumas são francamente exacerbadas, a ponto de negarem os conceitos fundamentais da democracia representativa".

Brossard reiterou que suas críticas não se dirigem à Igreja como instituição, observando que há religiosos "fiéis à doutrina tradicional, à doutrina da Igreja, enunciada pelos papas, e que divergem bastante, para não dizer substancialmente, da posição dos outros". Todavia, asseverou ser "um fato notório — e não apenas uma opinião — que há religiosos que têm uma posição indefensável. Basta que se diga que o governo foi chamado de fascista por uma determinada autoridade (referindo-se ao presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, D. Ivo Lorscheiter), que, aliás, nunca mais repetiu isso".

O ministro não quis fazer comentários específicos sobre uma cartilha política elaborada pela secretaria Diocesana de Pastoral da Diocese de Novo Hamburgo, na região metropolitana de Porto Alegre, que serve de guia nas reuniões promovidas pela Pastoral Popular com grupos de fiéis, para analisar os partidos e os candidatos à Constituinte e aos governos estaduais. Nesta cartilha, de 20 páginas, são feitas referências francamente favoráveis ao PT, e defendido o fim do capitalismo. Brossard disse que só iria se manifestar após ler um dos exemplares, para uma avaliação mais profunda.

Nesse sentido, ele frisou não acreditar numa reedição, "pelo menos de forma explícita", da Liga Eleitoral Católica. Argumentou que essa entidade, que "exerceu forte influência" nas eleições constituintes de 1933 e 1945, e continuou a atuar nos pleitos estaduais de 47, e estaduais e federais de 1950, "foi-se desprestigiando de tal maneira que acabou sendo extinta. As próprias autoridades religiosas chegaram à conclusão de que a entidade tinha se tornado inconveniente, para não dizer nociva, e ela morreu por inanição. Por morte natural", recordou.